



HOME, Sean. Marvel Comics – A História Secreta. 1ª Edição. São Paulo: Editora LeYa, 2013. 560p.

Resenhado por Icaro Vinícius Paes Santos Beluco¹
Orientado por Jayme Brener²

Grandes empresas carregam em sua história personalidades importantes que contribuíram para o seu desenvolvimento. No caso da Marvel Comics, uma longa lista de nomes que se tornaram lendas no mercado editorial, mesmo antes, quando usava o nome Timely. O principal deles era Stan “The Man” Lee e foi responsável por elevar o nome Marvel e criar a maioria de seus personagens, além de protagonizar brigas públicas com outros criadores da empresa. Há 79 anos a Marvel está no mercado, 73 desses anos foram descritos por Sean Howe na intenção de saber o real motivo dos conflitos, a forte concorrência com sua arquirrival, DC Comics, e a eterna briga entre a empresa e os funcionários para identificar a quem pertenciam os produtos criados.

Sean Howe, autor do livro, já atuou como crítico e editor da *Entertainment Weekly* e já teve publicações nas revistas *New York*, *Spin*, *The Village Voice* e *The Economist*, assim como nos jornais *Los Angeles Times* e *New York Observer*. Howe foi até os primórdios da criação da Marvel Comics vasculhar suas primeiras páginas atrás de tudo que pôde mostrar ao público, desde a criação dos primeiros personagens por Stan Lee e Jack Kirby até o surgimento do universo cinematográfico da Marvel.

O ano era 1938, a National Allied Publications lançava *Action Comics*, uma revista em quadrinhos totalmente dedicada a um super-herói, o “Superman”. O personagem era uma mistura de herói, mitos antigos e ficção científica. Pouco tempo depois, uma

¹ Acadêmico do terceiro ano do Curso de Graduação em Administração do Centro Universitário Filadélfia – UniFil.

² Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (2003), especialista em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (1993) e Graduado em Administração pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1988). Atualmente é sócio-gerente da Brener Consultoria e Treinamento Ltda. Docente do Centro Universitário Filadélfia – UniFil. E-mail: jayme.brener@unifil.br

empresa irmã da National Allied, *Detective Comics*, publicou “Batman”, estava criado a DC Comics. Os que antes eram apenas tiras em jornais, agora vendiam quase meio milhão de exemplares. Um ano depois, Martin Goodman deu início à Timely Comics, em Nova York.

“Tocha Humana” e “Namor – O príncipe submarino” foram vendidos para Martin Goodman e conseqüentemente à Timely Comics. Esses, juntamente com outros heróis reaproveitados das tiras foram lançados em 1939, a revista recebeu o nome de *Marvel Comics* nº1 e o título vendeu mais que o desempenho médio da DC. Na edição nº7, Namor recebe a notícia de que o Tocha Humana está atrás dele, e esta foi a semente da revolução, um universo fictício onde dois personagens distintos interagiam entre si (a mesma tática foi usada pela Marvel nos cinemas muitos anos depois). Mas essa revolução foi apenas um estopim para outra muito maior, os prédios atrás dos personagens pareciam muito com Manhattan, e será que Namor não estava mergulhando no rio Hudson todas essas edições?

O que os leitores da DC sabiam era que seus personagens viviam no mesmo universo, mas em locais diferentes, Gotham e Metrópolis nunca poderiam se cruzar, mas a Timely estava em Nova York. Não demorou para que monumentos conhecidos começassem a dar as caras nas páginas. Goodman decidiu que era hora de a Marvel criar seus próprios personagens. Joe Simon foi contratado e contou com a ajuda de um jovem talentoso chamado Jacob Kutzberg. Logo as produções de Kutzberg ganharam seu pseudônimo: Jack Kirby. Pouco tempo depois, Kirby, juntamente com Simon, foi responsável pela criação do Capitão América, e novamente a Timely surpreenderia o mundo ao mostrar o personagem enfrentando Adolf Hitler no início da segunda guerra mundial. Já não era mais uma ficção que se passava no mundo real, agora as histórias se adaptavam às realidades.

Antes do lançamento de *Capitão América* nº1, Stanley Lieber foi ao escritório da Timely, era primo da esposa de Goodman e tinha o sonho de se tornar escritor. Joe Simon o contratou, e alguns meses depois, Stanley ganhou a chance de escrever um conto de Capitão América. Para não arruinar sua carreira de escritor, assinou como

“Stan Lee”. Na mesma época, Jack Kirby e Joe Simon foram para a DC após conflitos com Goodman sobre royalties.

Nos anos 60, Kirby retornou e se uniu à Lee para uma reformulação total do universo da Timely. Em uma partida de golfe entre Goodman e o dono da DC foi citada a revista *Liga da Justiça da América*, que reuniria os maiores heróis da DC Comics. Stan Lee recebeu a ordem para roubar essa ideia, a Marvel precisava uma equipe de super-heróis, nascia então *Quarteto Fantástico* nº1, assim como a marca Marvel Comics oficialmente. Nessa nova era do universo Marvel surgiram os X-men, Homem-Aranha, Thor, Hulk, Homem de Ferro entre outros que viriam a ser protagonistas de suas próprias revistas.

Com o crescimento acelerado, surgiram conflitos com os stakeholders. Os distribuidores disputavam para conseguir um contrato exclusivo com a Marvel, artistas faziam pedidos fervorosos pelos seus direitos autorais e a era de ouro dos quadrinhos começava a acabar graças a uma nova geração de leitores do pós-guerra. Para dar conta da demanda crescente, o produto necessitava de um processo de produção que conseguisse levar as revistas às bancas. Como os primeiros métodos usados privilegiavam a aceleração nas edições, os artistas criavam direto na prancheta e com isso encurtavam outras etapas, mas isso acontecia em uma época de poucos títulos, e Stan Lee e Jack Kirby faziam quase tudo sozinhos. O mesmo método já não conseguia dar conta de centenas de revistas que tinham que sair semanalmente, mensalmente e algumas anualmente, de vários heróis diferentes.

Por volta dos anos 60, a hierarquia se perdia aos poucos. Roteiristas, editores, desenhistas e diretores brigavam a todo tempo gerando dezenas de casos de retrabalho e atrasando a entrega das edições nas bancas. Isso gerou uma revolta aos representantes de vendas que já lidavam com um grande fluxo de outras editoras. Muitos dos fãs batiam na porta da Marvel atrás de satisfações do porquê de seus quadrinhos preferidos não estarem disponíveis no tempo certo. Nessa época a Marvel já estava bem estabelecida no mercado, com um produto próprio e protegida pelas leis de plágio, na qual foi precursora da lei. Mesmo perdendo parte de seu mercado,

os fãs ainda queriam ver os heróis Marvel em ação, ainda que demorasse um pouco mais.

Entre os anos 70 e 80, os problemas internos começavam a atrapalhar os negócios. Incansáveis tentativas de lançar seus heróis no cinema, brigas entre editores e roteiristas por royalties e consequências dos anos agitados, político e socialmente. Por mais que a empresa detivesse os direitos sobre os personagens, a marca Marvel rivalizada com os nomes dos próprios funcionários. Ter em sua capa o nome de “Stan Lee”, por exemplo, fazia total diferença nas bancas se a mesma revista levasse o nome de outro artista qualquer. Na mesma época lidava com políticas de restrição de conteúdo devido a novas leis que limitavam violência e nudez em mídias infanto-juvenis, até quase falir no final dos anos 90 mesmo tendo os títulos mais vendidos. Acabou sendo salva quando finalmente conseguiu vender os direitos para o cinema no início dos anos 2000. Ao longo de sua existência, a Marvel Comics passou por diversos donos, da Cadence Industries à New World Entertainment. Em 2009 foi comprada pela Walt Disney Company e ganhou um estúdio de cinema próprio com o lançamento de “Homem de Ferro”. Deu-se início ao universo cinematográfico da Marvel como se conhece hoje.

A Marvel trabalhava com um produto extremamente específico, para um público crítico e ativo em suas produções ao longo de várias gerações diferentes. Os problemas começavam na mão de obra que, além de cara, era rara de ser encontrada. Os artistas criavam suas obras para a empresa, mas ao mesmo tempo se sentiam donos das mesmas, isso em uma época em que direitos autorais não cabiam a histórias em quadrinhos. Se por um lado ter os melhores desenhistas e roteiristas na Marvel fosse muito bom na concorrência com a DC, por outro trazia a dura realidade financeira que a empresa sempre enfrentou. Em relação à concorrência, as duas empresas se enfrentaram em brigas que vão além das páginas das revistas. Artistas que iam de uma editora para outra e *crossovers* que faziam os fãs de quadrinhos irem à loucura e pagar preços inimagináveis por obras originais.

Em suas mais de quinhentas páginas, o livro se confunde tentando manter uma ordem cronológica complexa. Entretanto isso não afeta a experiência de leitura, já que todas

as pontas são bem amarradas no final. Assim como a Marvel tinha sua própria maneira de produzir direto na prancheta, o autor consegue fazer um bom trabalho mensurando documentos e relatos de uma época que muitos dos envolvidos gostariam de ter esquecido.

Se para quem vê de fora acha que é uma maravilha trabalhar com o que gosta, *Marvel Comics – A História Secreta* deixa claro que não, e que em qualquer lugar haverá metas a serem batidas, chefes complicados e clientes insatisfeitos. É necessária extrema força de vontade e dedicação para atingir o sucesso que a Marvel Comics conseguiu. Assim como Stan Lee e Martin Goodman tiveram no início de tudo, enfrentando constantes problemas e persistindo nos seus ideais. Uma excelente leitura das efetivas dificuldades de negócios de mídia, perseguição de sonhos e das duras realidades das empresas.

